Milagrosas Palavras

Maria Auxiliadora Bahia

Resumo:

O trabalho aborda o “milagre” como um acontecimento provocado pelo Outro, enquanto este representa a estrutura simbólica herdada pela lei do pai.

Toma-se como referência para pensar a questão um exemplo a partir da religião, da antropologia e da psicanálise.

Estas referências teóricas como o lugar do Outro só pode oferecer palavras que cumprem desde a sua origem a função de fazer borda a angústia constituída pelo ponto inominável do nome do pai. Portanto são elas o veículo da demanda ao outro, que ao apreende-la na estrutura simbólica é capaz de produzir novos sentidos.

A história que contam é a seguinte:

Frei Antônio de Santana Galvão, nascido em 1739, ordenou-se sacerdote em 1762

e em 1774 fundou o Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição da Divina Providência, hoje Mosteiro da Imaculada Conceição de Luz.

Tido como muito caridoso, o povo a ele recorria em suas necessidades. Conta-se então que certo dia, um moço com graves cólicas renais pediu-lhe que o abençoasse, na esperança de que essa bênção atenuasse sua dor. Frei Galvão então escreveu num papelzinho um verso do breviário, "*Post partum virgo, inviolata permansisti, Dei Genetrix intercede pro Nobis*"¹, enrolou-o, cortou-o em pequenas pílulas e mandou que o moço engolissem. Este assim o fez e, confiando no milagre, expeliu os cálculos. Tempos depois, veio lhe procurar um senhor muito aflito, pedindo-lhe que intercedesse por sua mulher que corria grave risco de vida em um trabalho de parto.

Lembrando do moço anterior, Frei Galvão repetiu o mesmo procedimento: escreveu o verso, cortou-o e mandou que a mulher o engolisse. O que sucedeu foi que a mulher conseguiu dar à luz sem maiores problemas.

Assim, até hoje essas pílulas são procuradas pelos devotos para alcançar uma graça e são fornecidas diariamente pelo referido mosteiro. São chamadas pelos devotos simplesmente de pílulas de Frei Galvão.

Reconhecendo a curiosidade da história, mas retirando o interesse que ela possa representar tanto para a religião como para os religiosos, pode-se perguntar, sob o viés que nos cabe pensar, sobre qual estrutura se mantém este banquete de palavras.

Se a referência ao texto "Totem e Tabu" for tomada, pode-se dizer que nessa cerimônia encontram-se os vestígios de uma representação original de um sacrifício. Os elementos que nela se colocam podem bem representar a cena de uma refeição totêmica: participação em uma cerimônia comum a todos (a ato religioso), uma refeição (a palavra ingerida) e o pedido de proteção a partir do que foi ingerido. No entanto, essa refeição de palavras não deixa de ter o seu requinte e manter a sua especificidade.

Seguindo o texto freudiano, pode-se tomar, numa primeira aproximação, esse ato de ingerir palavras como similar à eucaristia cristã, dado que esta, ao se representar também com o ato de engolir, mantém, através do tempo, os traços da refeição totêmica.

Isto quer dizer que, na eucaristia, a expiação da culpa do Filho em relação a seu ato contra o Pai permanece e o conduz sempre à realização de seus desejos hostis contra Aquele. Só que nessa cerimônia o lugar do pai

¹ Depois do parto permaneceste virgem, mãe de Deus, intercedei por nós.

sofre um deslocamento: o Filho se torna Deus no lugar do Pai, porque o ingerido, lugar de sua identificação, é o corpo de Cristo, o filho de Deus.

Assim, "Uma religião filial desloca a religião paterna. Como sinal dessa substituição, a antiga religião totêmica era revivida sob a forma de comunhão, em que a associação de irmãos consumia a carne e o sangue do Filho, não mais do Pai, obtinha santidade por este meio e se identificava com ele".

"A comunhão cristã, no entanto, constitui essencialmente uma nova eliminação do pai e uma repetição do ato culposo".²

Considerando, pois, a aproximação da eucaristia cristã com a ingestão de palavras, esta só pode ser pensada a partir dos elementos que sustentam esta estrutura instaurada em nome do pai. No que diz respeito às similaridades, essas duas comunhões podem ser marcadas em pelo menos duas vias:

A primeira diz respeito aos próprios elementos que as compõem, ou seja, o grupo, a incorporação e a proteção. A segunda é que ambas são sustentadas por uma estrutura simbólica religiosa, deixando antever um Outro onipotente, em que o sujeito encontra respaldo para o próprio desejo de onipotência.

De modo indiferenciado, esses dois modos de ingestão colocam o sujeito na ilusão de poder negociar com um mundo que não claudica, que não sofreu a divisão entre sujeito e objeto.

A religião, desta forma, em seus rituais, é a estrutura simbólica que mais se aproxima do totemismo, considerada por Freud como a primeira religião.

Considerando em particular o caso da ingestão das pílulas de Frei Galvão, apesar da literalidade aí colocada pelo próprio ato de engoli-las, vale dizer que o que se engole está referido a um universo simbólico, regulado pela

lei do Pai. O que é ingerido é a palavra do pai. Mesmo que a inscrição contida nas pílulas se refira à mãe, é uma mãe referida às palavras dos apóstolos, que foram referidos por Deus.

Portanto, o lugar da identificação permanece ligado a um Deus garantidor, provedor e protetor.

O que se coloca como especificidade nessa ingestão de palavras, e onde ela pode se distinguir da comunhão cristã, é o deslocamento da ingestão da hóstia como corpo de Deus para a ingestão da palavra tomada como o próprio Deus.

Trata-se aí de uma reafirmação do laço com o fundador da palavra, enquanto ele é palavra e Deus: no princípio era o verbo e o verbo se fez Deus.

De qualquer forma, a estrutura é mantida: é do pai que tratam os banquetes, em as suas mais variadas formas de representação e nas mais variadas construções simbólicas.

Seria essa estrutura primitiva fundada no nome do pai, facilitadora de “milagres”?

Se a palavra milagre significa acontecimento admirável, espantoso, ocorrência que não se explica pelas leis da natureza, pode-se aí reconhecer o encantamento provocado pelas possibilidades do Outro de quem tudo se espera. Conseqüência disso é a força do apelo para se conseguir aquilo que falta, o que provoca grandes movimentos para alcançá-lo.

Sabe-se que o homem, diante de sua falência e da não garantia, não cessa de buscar o Outro provedor e de certeza, porque jamais renunciou à própria onipotência. Assim, a força que cada sujeito emprega nesse caminho só pode ser contada pelo "milagre" alcançado.

² FREUD, Sigmund. *Totem e tabu e outros trabalhos*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro:

Outros exemplos podem ser tirados de outras construções simbólicas para evidenciar essa estrutura propulsora de mudanças. O primeiro exemplo pode ser tomado de Lévi-Strauss, na sua *Antropologia Estrutural*.³ O texto “A Eficácia Simbólica” não faz senão mostrar a força das palavras do xamã que funcionam como um tratamento, enquanto são remetidas a um simbolismo, e vão sendo administradas numa ordem explicativa a uma mulher que se encontrava numa complicação de parto. As palavras do xamã não só davam conta dos demônios que ali se encontravam como também invocavam sua saída, para que o parto evoluísse com sucesso. A história, introjetada pela mulher, possibilitou a criação de um sentido que desse moldura a sua dificuldade real.

Se o mecanismo aqui empregado é o da introjeção, ele guarda no seu funcionamento a mesma estrutura da incorporação; isto porque a oralidade nos dois mecanismos “se presentifica no interior de uma demanda ao Outro, que se institui como reflexo da fome do sujeito”⁴. Só assim as palavras proferidas pelo xamã podem ser absorvidas e, portanto, serem capazes de realizar mudanças.

A introjeção é sempre introjeção de palavras, vai dizer Lacan no *Seminário A Transferência*. Isto quer dizer que, se é no Outro, enquanto tesouro do significante, que o sujeito se constitui, é nele, por conseqüência, que o sujeito deposita o segredo de sua verdade e o desejo de vê-la revelada.

Pode-se entender então a avidez com que se esperam palavras, porque sendo elas “*ingressos*” que permitem a tentativa, embora sempre fracassada,

Imago, 1974. (Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas, 13).

³ LÉVI-STRAUSS, C. A eficácia simbólica, in *Antropologia estrutural*. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Peres. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

⁴ LACAN, J. *O seminário, livro 8: a transferência*,. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. P.215.

de fazer conexão com a verdade do Outro, elas não deixam de criar sentido e muitas vezes de produzir "milagres".

Outro exemplo de tratamento com a mesma forma de introjetar uma construção simbólica é tomado por Lacan quando comenta o caso Dick, trabalhado por Melanie Klein.

Nesse caso, diz Lacan, "Melanie Klein, com a maior brutalidade, enfia o simbolismo, no pequeno Dick"⁵, jogando-lhe as maiores interpretações como a do mito de Édipo: "*Você é o trenzinho, você quer foder a sua mãe*"⁶. A criança de 5 anos, mas com desenvolvimento de 18 meses, não se expressa, mas Melanie Klein fala. O que faz este caso mover? Segundo Lacan, ela "enxerta brutalmente sobre a inércia eu-óica inicial da criança as primeiras simbolizações da situação edipiana"⁷. Estas simbolizações "determinam uma posição inicial a partir da qual o sujeito faz agir o imaginário e o real e conquistar o seu desenvolvimento"⁸.

Se, por um lado, este não é um bom exemplo que deve ser tomado na condução de uma análise, por outro, é exemplar para pensar a introjeção como processo de apreensão do discurso do Outro como sua própria mensagem.

É claro que Dick "não sabia" do mito de Édipo, quando Melanie Klein o vocifera, mas é claro também que a estrutura do mito já estava simbolizada, por isso Dick pôde aprendê-la, produzir sentido e entrar num sistema em que os objetos pudessem ser intercambiados.

Assim, nos três exemplos citados, não importando seu referencial simbólico, dado que todos eles não fazem senão re-editar a estrutura herdada

⁵ LACAN, J. *O seminário. Livro I. Os escritos técnicos de Freud*. Trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979. p. 83.

⁶ LACAN, *Os escritos técnicos de Freud*. op. cit. p. 84.

⁷ LACAN, *Os escritos técnicos de Freud*, op. cit. p. 103.

⁸ LACAN, *Os escritos técnicos de Freud*, op. cit. p. 103.

pela morte do pai, o banquete só pode ser de palavras, porque são elas conseqüência forçada dessa estrutura de falta. Elas cumprem desde a origem a função de fazer borda à angústia, que se coloca por este ponto inominável do nome do Pai.

No entanto, se só restam palavras aos banquetes, vale pensar o uso que se faz delas. Nos três exemplos, tanto Frei Galvão quanto o Xamã e Melanie Klein, ao se colocarem no lugar do Outro, encarnam um lugar de saber e passam a veicular em suas palavras uma certeza.

A conseqüência disso é que a demanda do sujeito em relação a seu vazio, ao ser preenchida por uma ordem garantidora, portanto fechada, aprisiona o sujeito e lhe impossibilita a experiência do inconsciente, portanto do desejo.

Porém, sabemos que a questão da certeza aponta para um ponto nodal da psicanálise, porque é a partir de um pressuposto de certeza no Outro que a condição de uma análise se coloca.

"É necessário um suporte a se construir no Outro do qual depende que a captação da flor se faça ou não. Por quê? Porque não há outro meio que o sujeito subsista"⁹.

É então, para fazer subsistir o sujeito, que o analista opera numa ordem de engano, por saber *a priori* que "É bem aí que está a questão da Psicanálise, neste ponto onde é preciso supor o Outro que *Não Há*"¹⁰.

Assim, pode-se dizer que uma psicanálise, no seu início, bordeja e sustenta uma posição de certeza próxima da estrutura da religião, mas é certo que dela se diferencia porque, ao contrário de dar consistência à suposição, de

⁹ LACAN, *A transferência*. op. cit. p. 218.

¹⁰ SALIBA. A.M.P. Freud e *Weltanschauung*, in *Alétheia*, n.3, set,2001, p.8-15. Publ. do Centro de Estudos Freudianos.

encarnar o discurso da certeza, ela opera no sentido de provar o vazio que articula o discurso. Para isto, o analista deve ocupar o seu lugar, que se define "como aquele que ele deve oferecer vago ao desejo do paciente para que se realize como desejo do Outro"¹¹.

Enfim, pode-se perguntar se a psicanálise, que opera com as palavras no sentido de provar a inconsistência do discurso, também poderia promover "milagres".

Se, como foi dito, milagre diz respeito a um acontecimento admirável, que traz transformações, a psicanálise aí se aplica. Primeiro, pela dissolução dos sintomas, que como lugar de repetição, aprisionam o sujeito em uma posição de sofrimento. Segundo, pela apropriação do desejo, que confere ao sujeito não só possibilidades de mudanças, como também uma posição de originalidade na vida.

Como diz Lacan no *Seminário da Transferência*, quando "o desejo surge para preencher a falta de certeza e de garantia, o sujeito se vê confrontado com aquilo que realmente importa, de vez que ele não é apenas um animal do bando"¹².

Esta posição conferida pelo desejo de pertencer ao bando mas não precisar de rezar o mesmo credo, de poder sustentar a marca de sua singularidade, aponta para o lugar de maior transformação do sujeito, ou se quiser, de um "grande milagre":

Ao invés de o sujeito se garantir no Outro e esperar Dele os milagres, ele, como efeito, se põe na posição de operá-los.

¹¹ LACAN, A *transferência*. op. cit. p.109.

¹² LACAN, A *transferência*, op. cit.